

Menino do Rio

Eneida Cardoso Braga¹

"O fascismo eterno ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis."

Umberto Eco

Em um domingo, subitamente, uma agitação fora do comum interrompe a harmonia no calçadão da cidade maravilhosa. Do outro lado da rua, vejo que um menino esguio corre para desviar-se das outras pessoas, que gritam para que alguém o pegue. Como o menino é pequeno e muito rápido, as pessoas não conseguem alcançá-lo e tentam atingi-lo atirando alguns objetos. Um rapaz joga seu skate, com muita força, para tentar acertar suas pernas. O skate e o menino passam bem perto de mim, tenho que sair de seu caminho para que passe, e ele toma o rumo da praia. O skate cai estrondosamente no chão, rola com fúria e erra seu alvo, mas na praia já estão todos alertas aos movimentos, e um homem alto e forte derruba o pequeno fugitivo com um "encontrão".

Nesse momento, todos se unem e o cercam, imobilizando-o na areia. A garota de quem ele arrancou uma corrente de ouro grita para que ele a devolva, e, ao mesmo tempo, alguns homens começam a chutá-lo nas costas, ele imobilizado no chão, seguro por dois ou três adultos. Tudo isso se passa em poucos segundos, e não seria preciso mais tempo para temer o pior.

Deço até a praia, me aproximo do grupo e grito para que o soltem. Ninguém me olha. Pergunto se não estão vendo que é uma criança. Poucos me escutam, alguns me olham como se eu fosse uma alienígena e sacodem a cabeça, negando. Um senhor que caminha pela orla me diz, num "carioquês" indolente, a frase chavão: "Tá com pena? Leva pra sua casa..."

Em seguida, um rapaz forte, alto, abre caminho no grupo até o menino, gritando e repetindo a nova palavra de ordem: "Ninguém bate nele!!!" Protege a criança com seu corpo e vai afastando os agressores, que, felizmente, não opõem resistência. "Ninguém

¹ Psicóloga, psicanalista, mestre e doutora em filosofia pela PUCRS, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

vai fazer essa porcaria aqui, não!", grita o homem, esperando ali até a chegada dos policiais.

Alívio? Em parte, é claro. Não foi desta vez, não foi naquele momento. Mas o impacto da cena revela sob a superfície, como de costume, os porões mais sórdidos e repugnantes. A questão que se impõe é: como é possível que no século XXI, já em avançado progresso da civilização, um grupo de adultos, (que seguramente se considera e se apresenta como "cidadãos de bem", em um país marcado pelo sincretismo cultural e acolhimento ao estrangeiro...), se una para agredir uma criança, não raras vezes até a morte, sem qualquer nuance de dúvida ou crítica sobre este ato?

Sei que a pergunta não é original, me concedo parafrasear Adorno e Horkheimer na abertura da "Dialética do Esclarecimento", ainda em 1944. Sei também que a barbárie se repete através dos séculos, e, já nos precaveu Freud, será sempre assim. Mas as contradições da questão seguem requisitando nossa análise e, além disso, justamente a repetição, para a psicanálise, é o sinal principal de que intervenções são necessárias.

A propósito, foi embasado em sua teoria do narcisismo que Freud discutiu os mecanismos de alienação de pessoas ou grupos. Utilizou a expressão "narcisismo das pequenas diferenças"² para ressaltar que sentimo-nos ameaçados por aqueles com quem compartilhamos semelhanças, mais do que por aqueles com quem não temos muito em comum, o que lança luz a todo tipo de segregação e agressividade humana. A tensão criada pelo estranho que é próximo impulsiona não só recalcamientos quanto grandes atrocidades.

Prova disso, na cena em questão, me parece ser o fato de o menino não ser reconhecido nem mesmo em sua condição infantil. A sequência provável de ação poderia seguir do roubo até a ação da lei, e não do roubo ao princípio de espancamento. Teria sido a própria "invasão" da praia, território reservado a pessoas de outras tribos, o gatilho para a tensão que superou o ato de infração do furto e desencadeou a cegueira coletiva? Fosse um furto praticado por um menino pertencente àquele contexto, teria despertado as mesmas reações?

Umberto Eco, em um texto produzido para a Universidade de Columbia, em 1995, enumera algumas características que considera típicas do que chama de "Ur-fascismo", ou "fascismo eterno". Dentre elas, aponta o irracionalismo como culto da

² FREUD, S. O Tabu da Virgindade. (Contribuições à Psicologia do Amor) In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

ação pela ação. “A ação é bela em si, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Pensar é uma forma de castração. Por isso, a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas.”³ O espírito crítico, diz Eco, opera distinções, e diferentemente do que ocorre na cultura moderna, onde o desacordo é instrumento para avanço da curiosidade e de novos conhecimentos, no fascismo eterno é visto como traição. Quando me dirigi aos agressores denunciando que estavam diante de uma criança, traí o grupo ao qual originalmente eu deveria pertencer e conceder lealdade. “Tá com pena, leva pra sua casa!”, é a punição que acusa a origem estrangeira ameaçadora, da mesma forma que o menino, pela ousadia - não só do furto, está claro, mas da transgressão do espaço, pela proximidade e pela diferença.

Eco também ressalta que o fascismo resulta da frustração individual ou social, “o que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos.”⁴ Estas características, retrato do Brasil atual, requerem atenção, pelo risco de anunciarem o emergir do “fascismo eterno”, ainda que “sob as vestes mais inocentes”, como disse Eco. Naturalmente, em momentos históricos distintos, a roupagem seria outra.

A complexidade da questão extrapola o universo da política, da economia, do social, da filosofia e da psicanálise. Ficam para outros momentos de reflexão os desdobramentos possíveis desta cena que, se tão frequente, não pode tornar-se banal. A reflexão crítica, que o dispositivo psicanalítico tão bem sabe operar, precisa ser escutada no contexto atual como o rapaz que interveio impedindo as ações de agressão: deixando à mostra, ao grupo, o sintoma, o fracasso, tudo o que desconhecemos, e o tanto que nos falta – e que nos é possível - aprender e avançar.

³ ECO, H. Reflexões sobre fascismo (I) - 14 lições para identificar o neofascismo e o fascismo eterno. Disponível em: <http://www.operamundi.uol.com.br>

⁴ Idem.